**Zipper Galeria apresenta o artista Jardineiro André Feliciano em sua primeira exposição individual**

*Aos 27 anos, o artista plástico e fotógrafo André Feliciano, conhecido como Jardineiro, esculpe extensos jardins e pequenas flores em formas de câmeras fotográficas*

São Paulo, fevereiro de 2012 - Em março, a Zipper Galeria abre a exposição “Sob o Luar Fotográfico”, do artista Jardineiro André Feliciano. A exposição tem abertura no dia 10 e fica em cartaz até 16 de abril. Para a exposição “Sob o Luar Fotográfico” o artista preparou um grande jardim fotográfico, uma instalação que ocupa o salão expositivo com todo tipo de flores sintéticas, além de fotografias dos jardins e uma novidade diante do que já apresentou ao público: esculturas de “animais fotográficos”, como macacos, abelhas e até humanos fotográficos.

Sobre seu objetivo a partir da abertura de sua primeira exposição individual “Sob o Luar Fotográfico”, o artista acredita que será uma oportunidade de mostrar sua poesia. “Cultivo uma vontade, preparo o terreno, escrevo livros para disseminar uma ideia de arte mais vívida, mais poética, menos contemporânea, mais Florescentista. Cultivo uma natureza fotográfica, uma natureza que poeticamente nos fotografa. Ela não paralisa nenhuma imagem porque não é uma máquina. Ela não nos obriga a fazer nenhuma pose artificial porque não nos julga. Ela apenas está ali, o tempo todo, junto de nossa vida”, reflete Jardineiro.

A principal característica da arte de Jardineiro André Feliciano são os símbolos que retratam suas duas grandes paixões: a fotografia e a natureza. O artista esculpe e pinta câmeras fotográficas criadas a partir de material sintético. De forma lúdica, André cria extensos jardins com delicadas miniaturas de câmeras fotográficas moldadas em material sintético no lugar das pétalas das flores artificiais, misturando tons claros ou quentes, exprimindo seus sentimentos a partir da percepção dos detalhes da natureza.

André Feliciano acredita que não há limites para a arte. Ele não descarta também a possibilidade de criar esculturas para uma intervenção urbana em São Paulo. Fugindo ao habitual, o artista não pensa em algo relacionado a jardins e flores sintéticas. “Já pensei em fazer esculturas de bronze e colocar pela cidade”, sugere.

Entre os destaques de sua carreira estão: intervenção no SESC Pompéia, 2010; exposição coletiva “Ecológica” no MAM (Museu de Arte Moderna de São Paulo), em 2010; uma de suas obras exposta na Bonni Benrubi Gallery, de Nova York, em 2011; uma obra exposta durante o I Seminário Internacional Arte e Natureza, no Goethe Institute, em 2011.

**André Feliciano, conhecido como Jardineiro**

O nome artístico “Jardineiro” surgiu com a graduação em Artes Plásticas, depois da apresentação do trabalho de conclusão de curso, em 2006, na FAAP (Fundação Armando Alvares Penteado), em São Paulo. Desde então, o artista André Feliciano se veste como um jardineiro e sua relação com o traje não tem obrigatoriedade de ser profissional. “Sinto-me à vontade, gosto de me vestir assim, não é uma encenação”, explica.

Hoje, aos 27 anos, André cursa mestrado em Poéticas Visuais na USP (Universidade de São Paulo). Admirador dos fotógrafos Michael Wesely e Adam Fuss, o artista teve seu primeiro contato com fotografia ainda na infância, quando relembrava cenas de viagens que fazia com a família.

Em 2010, André Feliciano foi convidado pelo SESC Pompeia para criar flores cenográficas em cascata de plantas artificiais. Na intervenção, o artista encaixou miniaturas de câmeras fotográficas brancas entre galhos e folhas em um muro interno do SESC. No mesmo ano, André assinou, como Jardineiro, sua primeira participação em exposição coletiva, no MAM, Museu de Arte Moderna de São Paulo, no Ibirapuera. A mostra “Ecológica”, com curadoria de Felipe Chaimovich, inspirada em conceitos do intelectual austro-francês André Gorz, exibiu 22 obras nacionais e internacionais na Grande Sala. Para “Ecológica”, Jardineiro criou um único jardim amplo.

Em 2009, André Feliciano foi selecionado entre os 19 dos 371 jovens artistas plásticos brasileiros, até 25 anos, que enviaram seus trabalhos com o intuito de concorrer ao Prêmio Energias na Arte, em parceria com Instituto EDP (ligado à empresa do Grupo EDP Energias do Brasil) e Instituto Tomie Ohtake, dedicado a estimular a produção contemporânea entre o público universitário no Brasil. A partir disto, no mesmo ano, Jardineiro participou de uma exposição coletiva no Instituto Tomie Ohtake. Na ocasião, a comissão julgadora foi composta por João Pinharanda, crítico português, pela diretora do setor educativo do Instituto Tomie Ohtake, Stela Barbieri, além de Eduardo Brandão, sócio/ diretor da Galeria Vermelho, Rubens Espírito Santo, artista plástico, e pela artista Chiara Banfi.

O artista plástico é também autor do livro "Dois amantes que se amam, mas não se mexem". Como escritor, inscreveu a obra no Prêmio Portugal Telecom de Literatura em Língua Portuguesa, em 2009. Hoje, o exercício de escrever continua fazendo parte de sua rotina e objetivo profissional. “Tenho pretensão de lançar outros livros como Jardineiro, pois eles são as sementes das minhas ideias e ler é um ótimo modo de cultivar”.

Sobre André Feliciano, o Jardineiro: [www.blog.natureza.art.br](http://www.blog.natureza.art.br).

**O que fotografamos, o que nos fotografa. Vaga-Lume de Arte (Texto curatorial por Juliana Monachesi)**

A fotografia é uma dúvida. A fotografia é um reflexo. A fotografia é um instinto (de preservação?). O cultivo da natureza da arte por parte do Jardineiro André Feliciano culmina, na presente exposição, em um conjunto de trabalhos menos sobre o Florescimento e mais sobre a fotografia. Mais especificamente, sobre o que aconteceu com esta linguagem desde o Neo-Pós-Pós, manifesto que o Jardineiro escreveu em 2001, quando era moderno. A fotografia espontânea deu lugar à fotografia simultânea e quase obrigatória, tirada por um ato de reflexo tão naturalizado quanto o ato de franzir as sobrancelhas em um ambiente muito iluminado.

O jardim cultivado para apresentar na Zipper Galeria é diurno. Mas é uma imagem congelada de jardim também, com que o visitante se depara primeiro de longe, como a vislumbrar uma representação de natureza dentro do mais tradicional cânone de “paisagem”. De longe, estamos perante um tableau prestes a virar pintura, ou fotografia. De perto, vivenciamos a inversão lacaniana exemplificada na parábola do pescador que vê uma lata de sardinha boiando na água: não vemos algo apenas, também somos observados pelo objeto que nos devolve nosso olhar.

A natureza fotográfica mudou radicalmente nestes onze anos: o Jardineiro escreveu seu manifesto seis meses antes do 11 de setembro, evento que marca o ápice – e o começo da ruína – da política como imagem, como ficção, como espetáculo. A Al Qaeda tirou partido da linguagem espetacular de Hollywood para planejar seu ataque à cultura liberal-imperialista do Ocidente, mas fundou ali uma dúvida generalizada, em relação à política, em relação à imagem, em relação à realidade e à ficção ao mesmo tempo.

Uma nova subjetividade fotográfica foi forjada naquele evento, no momento mesmo em que um segundo avião atingia o World Trade Center e as emissoras de televisão, que transmitiam ao vivo, incluíam uma legenda onde se lia “estas imagens são reais”. A capacidade de discernir entre ficção e realidade já estava embotada àquela altura. Mas onze anos depois, com a aceleração e ubiquidade da vida mediada (hoje passamos o tempo inteiro conectados às redes digitais – internet, banco, twitters e afins), sobretudo para as gerações que já nascem imersas neste contexto, a dúvida é uma constante a nos acompanhar.

Passamos a duvidar de toda e qualquer imagem fotográfica, a ponto de a artista Nan Goldin, conhecida pela radicalidade documental de suas imagens, afirmar que a revolução tecnológica deixou seu trabalho sem lugar, porque ninguém mais acredita estar diante de algo real quando vê suas fotos. Em um mundo em que toda imagem é construída ou manipulada, os frutos do cultivo do Jardineiro de Arte vêm devolver ao sujeito duvidante o olhar desconfiado que este dirige às coisas. Estas flores e estes animais também me espreitam também me fotografam: a imagem resultante deste olhar é real?

Os macacos-fotógrafos podem ser vistos como metáfora das pessoas, mimetizando o comportamento dos estranhos seres que os fotografam alucinadamente em um zoológico ou expedição turística. Mas, para pensar com Lacan, o antropomorfismo não está presente aqui como significação mimética trivial, mas como noção que visa antes um nível metapsicológico de inteligibilidade que nos aproxima do paradigma da formação do inconsciente, como nos ensina Georges Didi-Huberman. Esta árvore de bronze onde animais se equilibram para nos fotografar e este jardim fotográfico não "representam" coisa alguma; eles nos apresentam algo novo. Um novo inconsciente coletivo – e fotográfico – se anuncia.

## Sobre a Zipper Galeria:

Eleita a melhor galeria de arte de São Paulo na votação do Guia da Folha em 2011, a Zipper Galeria, idealizada por Fabio Cimino e Danilo Beltran, teve sua inauguração em setembro de 2010. O principal objetivo dos sócios, que há décadas atuam no mercado brasileiro de arte, éunir a mesma geração de artistas e colecionadores, sendo uma galeria ágil e acolhedora, visionária por apresentar ao mercado novos artistas expoentes no cenário brasileiro, encorajando a formação de novos públicos e novos produtores de arte.

Com projeto arquitetônico assinado por Marcelo Rosenbaum, o prédio da Zipper Galeria está localizado no bairro dos Jardins, em São Paulo. O espaço foi especialmente planejado para abrigar exposições, acervo e áreas de convivência. A Zipper Galeria concentra um grupo de artistas promissores dentro do segmento de arte no Brasil: Alessandra Duarte, Ana Holck, Bruno Kurru, Bruno Vieira, Carolina Ponte, Deborah Engel, Estela Sokol, Felipe Morozini, Fernando Velázquez, Gustavo Nóbrega, Highraff, James Kudo, Jardineiro, João Castilho, Katia Maciel, Nati Canto, Pedro Varela, RAG, Renata Egreja, Rodrigo Cunha, Rodrigo Zeferino, Tofer Chin, Valentino Fialdini e Wagner Pinto. Mais: [www.zippergaleria.com.br](http://www.zippergaleria.com.br).

**“Sob o Luar Fotográfico” @ Zipper Galeria**

Abertura: sábado, 10 de março, das 13h às 18h

Período expositivo: de 10 de março a 16 de abril

Rua Estados Unidos, 1494, São Paulo-SP

Telefone: (11) 4306-4306

zippergaleria.com.br

Segunda-feira a sexta-feira, das 10h às 19h/ sábado, das 11h às 17h

Grátis/ Livre

**Agência Lema**

Leandro Matulja/ Leticia Zioni/ Larissa Marques

agencialema.com

Informações para a imprensa:

Ana Garnier +55 11 3871-0022 ramal 209

anagarnier@agencialema.com.br